

DON QUIXOTE

de Angelo Agostini

Largo da Carioca 4 (Sobrado)

Ao publico

Depois de uma demora motivada, temos a satisfacção de voltar a desenhlar acontecimentos mais ou menos estribolicos e burlescos que se daõ no Brasil e fora d'elle, para divertir o nosso publico

As pessoas que julgam-se no direito de rir, podem assignar nossa folha, indo tomar sua assignatura no Largo da Carioca n^o 4 por cima do Cafe Victoria.

Tencionamos dar, õe comineçar de hoje, as aventuras de Xé Capora romance feito por nós na Revista Illustrada que tem 24 capitulos sem contar com o fim.



E sem mais aquella... Don Quixote e Sancho Pança tem a honra de apresentar-se ao publico.

O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 1 de Junho de 1901

Escriptorio e Redacção

LARGO DA CARIOCA N. 4
SOBRADO

--):(--

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL	ESTADOS
Anno 25\$000	Anno 30\$000
Semestre 14\$000	Semestre 16\$000
NUMERO AVULSO 1\$000	

EXPEDIENTE

Aos assignantes que nos honraram com suas assignaturas, pedimos desculpas de não termos continuado, por motivo de força maior; molestia não poupa ninguem, e a nós pela primeira vez, incommodou-nos de veras em 26 de Abril.

Desde Maio do anno passado, não demos nenhum numero, o que fazemos hoje, continuando a disposição dos assignantes a quem pedimos o obsequio de nos mandar resposta logo que receberem este numero 125.

E' o melhor meio de continuar a remessa da folha, sabendo se o assignante mora ou não no lugar indicado; escrevendo para este endereço: Angelo Agostini, Largo da Carioca 4, sobrado. Rio de Janeiro.

O romance do Zé Caipora, que tanto successo obteve na *Revista Illustrada*, no tempo em que esteve debaixo de minha direcção, é reeditado hoje, satisfazendo assim o pedido de muitos amigos, como se vê n'este numero 125, que traz o primeiro capitulo.

Duas palavras

O *D. Quixote* reabre novamente as suas portas e, sem mais preambulos, declara o seguinte:

Obrigou-me a suspender a publicação, ha 13 mezes uma enfermidade tenaz, exigindo repouso temporario, que aproveitei para uma viagem a Europa.

Repousei, viajando, assisti ao certamen internacional de Paris, no anno proximo passado, e agora eis-me de volta, prompto a recommençar a velha tarefa,

vendo, contando e discutindo como sempre.

Para isso chamei em meu auxilio o meu amigo Renato de Castro, para colaborar commigo, com o concurso da sua penna, a qual compete o texto, e, quando fôr mister, do lapis de que tambem se sabe servir.

ANGELO AGOSTINI.

O QUE SOBRA A UNS...

E' a lei das compensações.

E ao que parece, a lei que rege a nossa imprensa. O caso é que revolta quasi, essa desigualdade de glorificar uns, deixando que outros passem despercebidos entre a massa anonyma e indifferente e muitas vezes com injustiça flagrante.

Agora mesmo o caso se desenhou com dous artistas, que, como brasileiros, devem merecer igualmente de seus compatriotas e como artistas devem estar sujeitos ao juizo impessoal e desapaixionado da esthetica pura, do sentimento d'Arte, unico, soberano, isento de sympathias, relações e delicadezas pessoases.

Uma obra de arte é boa ou má, pelo seu proprio valor. Póde ser uma obra prima, sahindo das mãos de um bandido e uma *bota* pintada por uma virgem-martyr. Benevenuto Collini, que peccou mais do que eu e o leitor é, como artista, um mestre, uma creatura divinamente dotada, que, pelo seu talento raro, tem direito á admiração e ao preito da humanidade inteira.

Foi elle que deixou thesouros inestimaveis de cinzelado e não os bemaventurados monges, que, na mesma epocha, asombrovam o mundo com a virtude levada ao heroismo. Fra Angelico é venerado pela Arte, não porque fosse humilde ou piedoso, mas porque as suas obras têm um sabor delicioso de ingenuidade, delicadeza mystica e são sinceramente sentidos.

Entretanto, entre nós, a melhor ou mais brilhante apreciação depende não do valor da obra, mas do numero e da qualidade das relações pessoases do artista.

Ahi vimos por exemplo, a um tempo duas exposições de pinturas, uma bafejada, elogiada sem discreção, cercada de rumorosa *reclame*, outra esmagada, abafada pelo silencio, pela indifferença quasi absoluta da critica (sic) que deveria, como

elite culta da população, sacudir a indifferença explicavel do publico, mostrar-lhe o caminho, abrir-lhe os olhos; ensinando a conhecer os verdadeiros primores, mesmo não assignados por um nome popularisado.

Antonio Parreiras, o paysagista, recebeu de todos saudações, felicitações, palavras que não se atreviam a discutir ou estudar a obra, mas elogiavam-na, faziam-lhe reclame.

Elyseu Visconti, o extraordinario artista, que apresentou uma exposição vasta, poderosa, affirmando uma technica quasi perfeita, ao serviço de um talento creador, robusto e original, um homem que reúne tantas e tão raras qualidades de artista, foi esquecido, teve o seu salão vasio 60 dias, e o publico, apoz dous mezes de exposição, continúa a ignorar-o.

E' preciso gritar, bem alto, esse erro imperdoavel, vergonhoso. E' preciso dizer claro, sem hesitações, sem medo, como quem diz a verdade, que um quadro vale o que vale, seja o seu autor um tímido e um desconhecido.

E' preciso dizer: Elyseu Visconti é um bello e grande artista. E' um crime de lesa-arte, de lesa-patria esquecel-o, porque não anda na rua do Ouvidor, nem frequenta jornaes.

Elle faz o que compete ao artista: trabalha, com vontade, coragem, sinceridade e talento, muito talento.

R. DE C.

A SEMANA PELO TELEGRAPHO

Se o mal de muitos consolo é, muito consolados devemos estar nós, dos pequeninos dissabores da nossa politica, da nossa vida social e das nossas finanças lendo os telegrammas da Velha Europa.

Actualmente (e isso já dura ha muito tempo) não ha um só paiz que não esteja a braços com crises mai sou menos serios. Financeiramente só a França está em boas condições. Politicamente todos estão envolvidos em complicações intrincadissimas. Tambem nesse ponto o França é quem menos se póle queixar, porque o gabinete Waldeck Rousseau, mais ou menos, vai proseguindo uma politica sabia, habil e patriotica. Se não acabou como deveria a questão Dreifus, esmagou victoriosamente os inimigos que tentavam escalar

Garatujas

o Elyseu, manteve o exercito nos limites da disciplina, acabou com os disturbios anti-semitas e anti-clericaes fez serenar as *grèves* e alcançou no parlamento uma maioria industrial prestigiando o governo da Republica. Como se vê executou o seu programma de « Defeza Republicana ».

A Inglaterra continua empenhada na deploravel aventura do Transval, que, annexado officialmente, prosegue entretanto a lucta, prolongando uma situação insustentavel, cujos resultados não se fizeram esperar sob a fórmula de um orçamento defficiente e de novos impostos mal recebidos por toda parte provocando queixas e até ameaças.

Na Allemanha a luta entre o Imperador com seus grandes projectos e o Parlamento, onde os agrarios dia a dia ganham terreno, torna-se grave, principalmente depois dos discursos do principe Herbert de Bismark, herdeiro do chancelier de ferro, que reapareceu na arena politica, com vehementes discursos em defesa da agricultura e do proteccionismo. Esta campanha está fazendo surgir obstaculo sobre obstaculo no arranjo da renovação de triplíce alliança a que os agrarios se oppoem abertamente por só ver nella vantagens politicas com prejuizo do commercio e da industria.

Na Austria a questão de raças foi complicada com a questão de religião. Agora já não se trata unicamente de luta entre slavos e allemães.

A guerra foi declarada entre catholicos e protestantes. O que collocou a questão abertamente nesse terreno foi um acto do archiduque herdeiro, que tinha as melhores intenções.

Vendo que o partido germanista fazia uma colligação protestante, quiz equilibrar a balança patrocinando a União Escolar Catholica. Porém a sua alta cathegoria era de demasiada importancia e a balança que pendia muito para um lado, passou a pender para outro, tambem demasiadamente.

O imperador Francisco José tentou arranjar as cousas fazendo com que o herdeiro do throno se mantivesse neutro, porém, ape las este novo acto fazia serenar as exaltações chegava de Vienna uma carta autographa do Papa felicitando o archiduque pela sua intervenção. De novo irrompeu a agitação e d'esta vez, a solução do problema é mais difficil.

AERO-CABO.

Decididamente os que julgam que pela imprensa popularisam o seu nome são tão ingenuos como os que acreditam em sonhos para palpites de bichos; quando muito o seu nome e o emprehendimento, a que se atiram, fica conhecido nas immediações da rua do Ouvidor. Mas não passa certamente, por mais bem acompanhados de adjectivos e titulos que seja os limites extremos do Sacco do Alferes e do Estacio.

Ainda ha poucos dias um facto veio provar essa desoladora convicção.

Trez homens fortes, talvez descendentes dos de Bolzac, resolveram ir d'aqui a S Paulo, a pé. Ora, n'uma cidade em que o bond é uma instituição nacional, em que ninguem anda sobre as bases naturaes a não ser na rua do Ouvidor, a empreza tinha interesse.

E os jornaes não lh'o negaram. Noticiaram o caso, gabaram a coragem e os malleolos dos andarilhos, estes foram se despedir do chefe de policia, annunciaram a partida, foram acompanhados ao botafóra por amigos e foram até... Cascadura.

Não lhes parece que isso encurtou muito a viagem? Pois não foi por culpa dos rapazes, creiam.

E' que chegando a Cascadura, aquelles trez homens, viajando a pé, nesse tempo em que á central está na berra, causou suspeitas ao delegado, que começou por trancafial-os no xadrez.

Não haviam chegado a Cascadura as noticias da excursão. Os andarilhos protestaram, appellaram para o testemunho dos jornaes, mas, lá em Cascadura é como em Araruama — não ha d'isso, os trez foram enviados com escolta ao Dr. Eneas Galvão, que os mandou em paz, depois de lhes fornecer passagem de trem para S. Paulo.

Nada que os andarilhos a outra não se arriscam.

E ali está como um facão que podia ser glorioso para o Brasil um *record* brilhante, morreu na casca, por falta de publicidade em Cascadura.

*

Os leitores tem visto que chusma de balões dirigiveis surgem agora por toda a parte?

Parece que a humanidade está com o delirio do ar, que vive nas nuvens.

Não ha duvida, mais dia menos dia vamos todos...

fino alla, lu...úna!...

CHICO ARANHA.

A Exposição de Visconti

Elyseu Visconti, que se foi d'aqui para a velha—velha é a mais velha cha-pa do vocabulario jornalista — Europa, simples estudante e consequentemente sem dar nenhuma esperança, surgiu nessa exposição, a mais completa exposição dos modernos tempos no Brasil, com todos os predicados dos grandes e intensos artistas. Com effeito. Desde o traço consubstancia! dos estudos até esse primor quattrocentista da DANSE DES OREADES, desde os simples escorços ás *guaches* das TRE VIRGINE, da *Musica*, do *Amor*, esse estheta, erudito de espirito e erudito de technica como um Moreau ou um Cottet, revelou-se essencialmente contemporaneo, com a nervosa e o sonho dorido das decadencias.

E' inescuecível a impressão de arte, que nos deixou o dia hybernico, passado a admirar e a faltar o nunca farto olhar nessa espiritualidade intensa que tran-suam todas as suas obras. Guarda-se como uma obsersão de pazes, a pureza abstracta da GIUVENTU', da DANSE DES OREADES, télas tão plenas do amor infinito do alto, tão cheias de aspirações do sonho, que re-lembram o Boticelli e esse adoravel Ghirlandaio, a esthetica de Rossetti e de Saw. Conserva-se, como se conserva as cousas deliciosas, as aquarellas a tempera de um exquesito e bizarro tom das trypticas gothico-normandas, dos paineis de Gazzoli, da finura aerea dos japonezes.

Elyseu Visconti, tanto pintor moderno — estão para evidencial-o os quadros de um palmo palpitantes de vida, impregnado dos primitivos, como decorador da decoração elevada de Grassét, Gallé e Blashfield, fica entre os nossos pintores como o mais espiritual entre os raros espirituaes que são o mystico Decio Viliares, o movimentado Malaguti e o Belmiro da ultima phase.

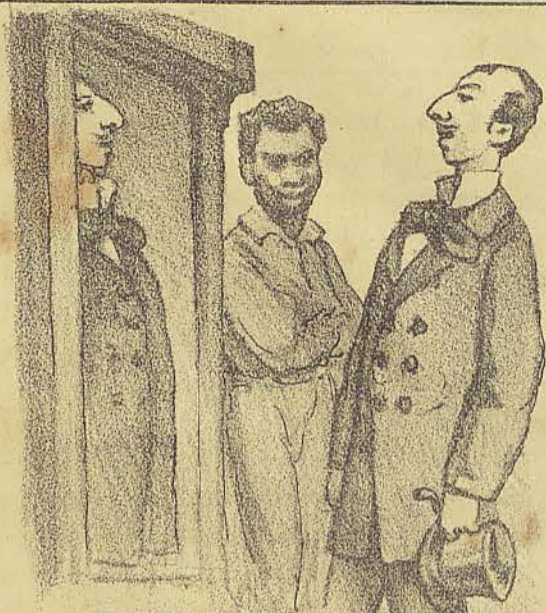
A exposição, apesar de gratuita ficou deserta. O publico trata da crise, a critica trata de cousa nenhuma, os artistas,



—Vê lá! Se me faltiar algum botão quebro-te a cabeça!
—Não falta, não sinhô.



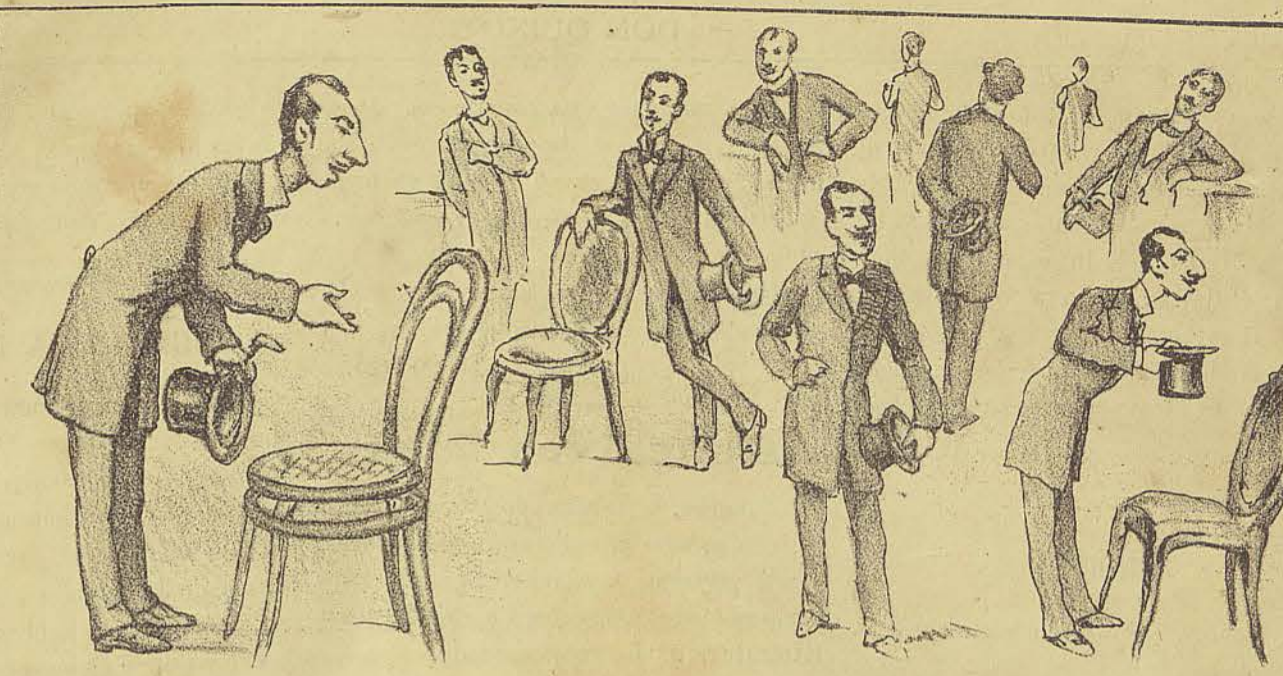
—Digam lá o que quiserem, mas um collarinho bem engomado e uma gravata bem posta, é meio caminho andado na mais difficil conquista.
Hoje, com certeza, ella declara-se!



—Estou esplendido! Quem ousará resistir-me? Que tal me achas, João?
—Está bonito, sim sinhô.



Antes de sahir, Zé ensaia, ao espelho, o melhor modo de entrar no salão da baroneza e de cumprimentar as damas que lá estiverem, sobretudo a sua «ella», para quem toda a elegancia é pouca e que presentemente é representada por uma cadeira.



Depois de ter estudado varias posições elegantes,



Zé sae de casa muito satisfeito de sua vida e de seus collarinhos e mette-se num bond do Botafogo



João tambem sae e vai direitinho para a venda contar à criadagem da visinhança tudo quanto seu amo fez.



Zé apea-se do bond e dirige-se para o palacete da baroneza, onde o seu coração e o seu estomago decem, nesse dia, palpitar de contentamento.
—Esse typo está mesmo a pedir um limão, disse uma jozem...



E zés!...

—Ora po...ço!
—Atrrevidas! Grrrandissimas...etc!



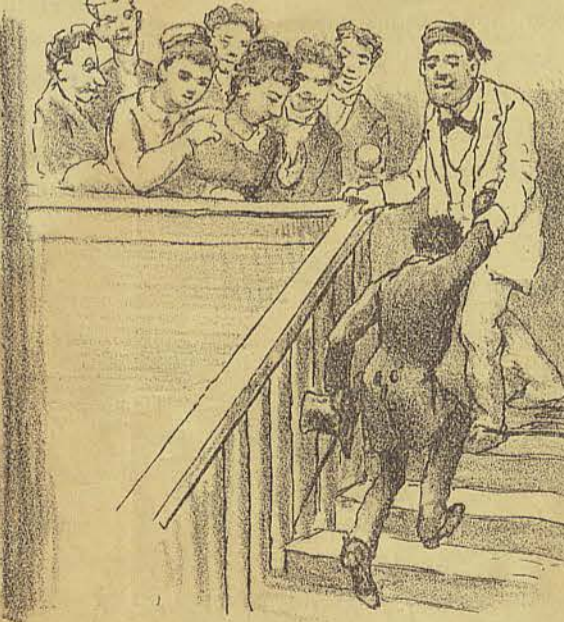
A resposta á descompostura não se fez esperar.



Zé ficou n'um estado desgraçado! Vendo assim afogados a sua elegancia e os seus castellos, correu a esconder-se no porção do palacete que estava perto, para ahi esperar por um tibury que o levasse para sua casa.



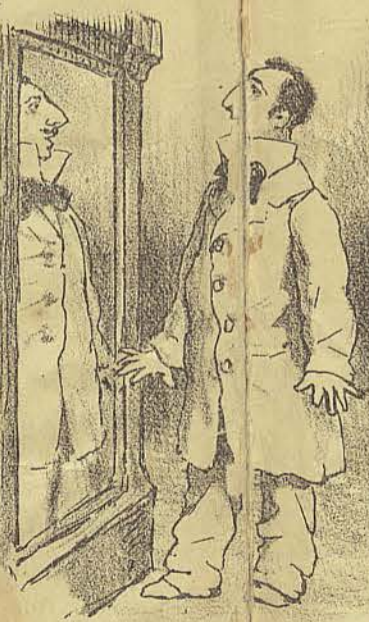
O barão, que presenciara a molhada, desceu e instou para que Zé subisse.
—Mas, neste estado?
—Eu dou-lhe roupa para se mudar!



E quasi arrastado, Zé subiu. Por maior caiporismo, toda a familia estava no patamar da escada!
Zé pensou que subia ao patibulo!



O barão levou-o para o seu quarto de vestir e deu-lhe a sua roupa.
Zé estremeceu ao contemplal-a!



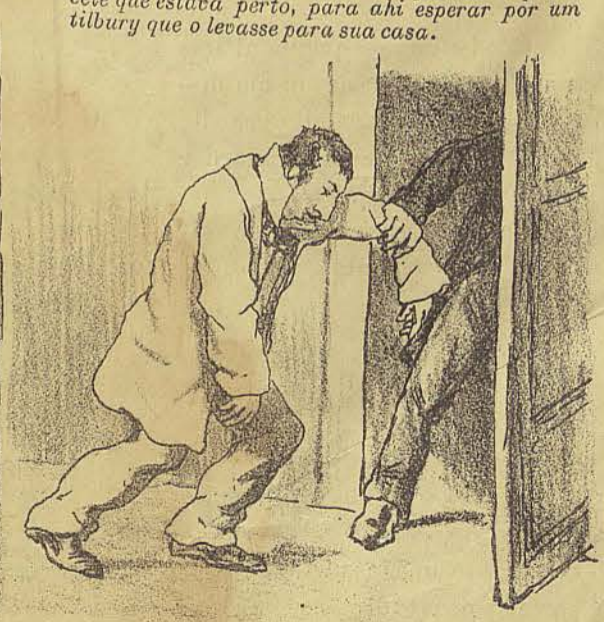
Depois de vestido, olha para do! hado, estou de uma elegancia espanosa!



Zé amaldiçoa a sua sorte e julga-se o mais caipora dos mortaes!
—Ter-me ensaiado 2 horas antes, a deitar elegancia para ella, e ver-me agora nesta triste figura!
—Vamos jantar.



A palacra jantar fez o effeito de uma pilha electrica.—Pelo amor de Deus, não me obrigue a esse sacrificio...—Sacrificio?
—Estou indecente...—Indecente? com a minha roupa?
—Não é isso; perdõe... é que...



—Ora, deixe-se de luzos e vamos comer. Não podendo resistir, Zé é arrastado para a sala de jantar.

quando muito fumam. Bebem café no máximo. E dahi ficar o illustre e sensível Visconti desoladamente só, sem uma animação, a não ser a visita apressada de S. Ex. o Ministro do Interior, que chegou quando já se fechava o santuario desse ideal estheta.

Noticiando a exposição é nosso desejo um grande e infinito applauso a Visconti.

P. B.

A NOITE

Em imprensa houve ultimamente uma novidade gorda :

O apparecimento de um novo jornal intitulado *A Noite*, que tem a frente os nossos collegas Baptista Coelho, Raphael Pinheiro e Metello.

Orgão genuinamente verpertino, pois que sui a luz das estrellas, ás 6 horas da tarde, *A Noite* apresentou-se garrida e interessante e tem sustentado a nota fina e graciosa do 1º dia, ou por outra da 1ª noite.

Os nossos mais cordiaes cumprimentos.

Piadinhas

A que se diz, tola uma redacção, que abandonou o seu jornal, vai fundar outro perfeitamente igual ao primeiro.

Rejubilamos com a noticia.

Não ha nada como um dia depois de outro.

*

Noticiaram todos jornaes que, na ultima terça feira, o Sr. Tosta começou um discurso mas como este era muito grande, passou da hora e S. Ex. teve que guardar o resto para a outra sessão.

S. Ex. deve estar convencida do inconveniente das cousas muito grandes.

Não póde ir tudo de uma vez, tem que ser em duas sessões.

*

Foi para o necroterio, ha poucos dias um cadaver de afogado já muito estragado.

O corpo estava todo deformado e negro. E entretanto um inspector seccional, na parte policial declarou que o cadaver parecia ser de um portuguez.

Este inspector está como o seu *Anastacio*, que chegou de viagem e contou entre as muitas cousas que tinha a contar, a historia de um medico que foi ao necroterio ver um cadaver e

Fez *istropia* nas tripas do *cujo*

Descobriu que o sujeito era *ingrez*.

TICO-TICO.

Gonçalves Dias

Amanhã, o jardim do Passeio Publico. com as suas grandes arvores seculares, o seu perfume mysterioso e grave dos parques antigos, receberá a *élite* da nossa litteratura e da nossa sociedade.

A reunião foi feita á voz poderosa de Olavo Bilac, o poeta do céu, o doce chronicista, do verso de ouro e de prosa rendilhada, que celebrava um irmão, E' a Gonçalves Dias que se vai prestar homenagem, é ao poeta ingenuo e meigo apaixonado e simples, que, pela voz de Bilac, pelo cinzel de Bernardelli, pelo concurso da mulher brasileira, acudindo ao aceno de *Fan'asio*, vai ser feita uma apothese solemne, esplendida, no fundo do parque encantador, sob as copadas mangueiras, onde chega a voz do poema eterno, — o mar — bramindo perto.

Festa luminosa e dulcissima, digna consagração de um artista que recebe a glorificação de duas almas gigantes, de dous corações extremosos, a transbordar de dedicação, de grandeza e de sinceridade artistica. Dous artistas que accumulam thesouros gravados na palavra e no bronze e trazem ao poeta morto, flores pelas mãos suaves das cariocas.

ECHOS

O Congresso vai indo bem, obrigado.

Na Camara trabalha-se a valer. Cada dia apparecem novos projectos tratando de grandes cousas e as discussões se travam, luminosas e sem muitos desaforos.

No Senado a cousa não vai assim; já tem havido algumas sessões interessantes, para os humoristas e os veneraveis pais da patria, graças a Deus, não têm feito nada.

*

A imprensa brasileira tem proliferado; apoz o *Rio Nú* surgiram varios jornalecos pouco mais vestidos.

A cousa porém chegou a um ponto, pullularam os jornaes tão numerosos e de

tal ordem, que o Dr. Chefe de Policia foi obrigado a intervir.

Houve matança geral, escapando unicamente o *Coio*, que tem muita sorte.

UMA NOTA PESSOAL

Eu confesso lisamente a minha crassa ignorancia. O facto é que até este momento, ao me darém o assumpto d'estas linhas, não tinha lido uma so noticia, nem ouvido uma unica phrase sobre o phantasma do Encantado.

A maioria do publico só lê as noticias; eu consigo lêr apenas, os artigos de fundo, quando grandes e a *parte commercial* do *Jornal do Commercio*. Delicio-me com as *revistas scientificas*, bem massudas e documentarias; não suppôrto a reportagem americana. Nunca li uma noticia em minha vida. Vivo da primeira columna e para primeira columna dos meus adorados jornaes parisienses, saturados de litteratura e de arte.

Si desconfias que sou homem de imprensa e julgas que já dei noticia d'algum assassinato ou queda de andaime; estás muito enganado, leitor parspicaz e audacioso.

Eu, a maneira de todos poetas symbolistas d'esta terra, vivo na minha torre de marfim, no azul, livre dos kodaks dos admiradores e do reporter entrevistista litterario.

Os jornaes têm isto de mão: as noticias.

Se não houvesse reportagem nem interviewismo, a imprensa seria para mim um céu aberto. O ideal do jornal deve ser o monopolio do artigo de tres columnas; como deve de ser o do theatro, o do drama em cinco actos.

FLIC-FLAC.

Fumaças

A *Tribuna* publicou um artigo sobre o *Bijo*, dando a opinião de notaveis escriptores nacionaes e estrangeiros sobre o assumpto,

O caso é serio.

Vou fazer conscienciosas experiencias sobre o assumpto, para poder fallar de cadeira.

*

No meio da semana, já a *Gazeta* tinha-se cansado tanto, bradando aos céus por causa da falta d'agua, que elles, apiedados, se abriram e a agua cahiu a potes.

Parabens a collega. Uma reclamação, que até o Padre Eterno se apressa em attender.

Com esta o *Jornal do Brazil* nunca se lambeu.

*

Mas, ao que parece, a *Gazeta* está muito intrigada com o facto de não obter dos homens o que obtêve do céu.

Engano collega, a Camara anda metida n'isso. N'essa prestesa do Eterno em mandar agua, anda o dedo do conego Valois...

CACHIMBO.

THEATROS

SYMPHONIA

Não quiz começar sem uma pequenina symphonia. E' chic, dá um certo tom.

Começo pois, sem grandes barulhos de instrumentação, deixando em paz os estridentes clarins, excepto o da Fama, que fica muito bem nas apresentações. A respeito de pratos, só empregarei os do dia, fazendo base do trabalho de contra-ponto no bombo, instrumento de rigor, na imprensa que se preza e indispensavel neste paiz essencialmente agricola em que medra o cartaz e o elogio mutuo, em concurrencia feroz com o café, os bachareis e os honras militares.

Demais, nessa questão de theatros toda a *reclamme* é pouca e eu, que aqui estou para fazel-o a todas as estrellas, estrellinhas e lamparinas da rua do Espirito Santo e adjacencias, seria um... (deixo o adjectivo a escolha do leitor, recommendando-me a sua benevolencia) se não aproveitasse, enquanto estou com a mão na massa para fazer a mim proprio o que posso e devo fazer aos outros.

Uma pontinha de auto-*reclamme*?... Seja. Que mal ha nisso? Ha precedentes e não poucos; quem for livre de culpa que me atire a primeira pedra.

Tanto mais que, no meu caso, trata-se de uma necessidade, de uma questão de

honra. E' preciso que eu demonstre as minhas habilitações.

Que diriam de um homem que se propuzesse a alfaiate e se apresentasse vestido como um bugre, que não se veste?

A boa justiça começa por casa; é preciso dar o exemplo. Lá diz o Evangelho, não faças aos outros o que não queres que te façam.

E eu começo por fazer a mim proprio o que vou fazer aos outros.

E disse.

No *Recreio* tem havido muita coisa mas entre os bastidores ou por outra no escriptorio.

Trata-se de reformas no elenco, sahidas de uns artistas, entrada de outros, reforma do repertorio e reforma de programma.

Abandonou o quadro artistico; a Sra. Pepa Ruiz, que apóz a longa enfermidade, que pôz em perigo a sua vida, apenas reapareceu em alguns espectaculos e se retirou da companhia.

Ficou a Sra. Medina, entraram muitos outros artistas e o elenco ficou muito cheio com elementos de todos generos.

Sentia-se que a empresa estava indecisa e prevenia-se para poder enveredar por qualquer entrada, conforme as circumstancias ou a inspiração de momento.

Por fim decidiu-se e surgiu o *Conde de Mon'e Christo*; a companhia tem hoje feição definitivamente assentada. E' dramatica.

A senhorita Lucilia Peres deixou de fazer parte da companhia que trabalha no *Lucila*.

Era um bom elemento e os seus companheiros devem estar disso convencidos, pelo modo porque a sympathica atriz representou o papel de *Elec'ra*.

Com os elementos que hoje formam o elenco a companhia resolveu abandonar as intenções litterarias com que se apresentou e que, infelizmente, não dão resultado, nem mesmo fazem viver os artistas, para explorar o drama de matadores nos quaes morre muita gente com grande audio do publico, dos sabbados e dos domingos, que adora o genero.

Seguindo esse novo programma, a companhia annuncia para hoje o *Anjo da Meia-Noite*.

A companhia Christiano já poz em scena a *Coral & C.*, em que o primeiro papel cabia á Sra. Lucinda e fel-a substituir pela Sra. Julia Silva, que tem algum valor e não comprometteu a peça.

Resignemo-nos applaudindo a Lucilia, que bem o merece. O seu papel na peça, vale muito pouco, porém, ella o faz com tal naturalidade, tanta intensidade nas impressões, igualdade e vigor nas scenas fortes, que é um encanto vel-a.

O Sr. Christiano tambem está muito no seu papel e faz rir a perder no 2º acto, sustentando com verdadeiro talento a scena do socavão onde suffoca de calor.

Chaby e Campos deliciosos.

Quanto á peça, o Garrido tanto a retocou, limou e attenuou que ella já não tem o character escandaloso e demasiado livre que lhe deram os auctores.

E o dialogo, que primor de *verve* e espirito fino e trocadilho! Um verdadeiro fogo de artifício, diria eu, se a imagem não fosse macrobia.

Os cafés cantantes continuam a fazer excellente carreira e verdade seja que cada qual mais se esforça, contractando artistas novos e mantendo o programma sempre variado e interessante.

Um dos que mais faz para captar a sympathia que o publico não faz difficuldade em lhe consagrar é o *Moulin Rouge* que todas as semanas apresenta artistas novos. Na semana que findou as novidades mais interessantes que offereceu aos seus frequentadores foram o *Fafordia*, um rapaz de espirito, que faz engraçadas caricaturas *à la minute*, os *Lalslos* um trio musical engraçadissimo e muito artistico, que foi a melhor nota da semana, o *horr em lagarto* que é deveras notavel e os *Andrells* dansarinos acrobatas.

A *Guarda Velha* iniciou uma representações de pequinicas que tem agrad

Uma das ultima guração do C cantante p Morales de trincho g occupar

REBATE
AA

meu acolhimento.

Descomposturas e noticias telegraphicas



No Senado o Sr. Arthur Rios descom-
põe o ministro da Fazenda por não em-
prestar dinheiro a Bahia

O cont. Alm. Custodio de Mello
à Nação.



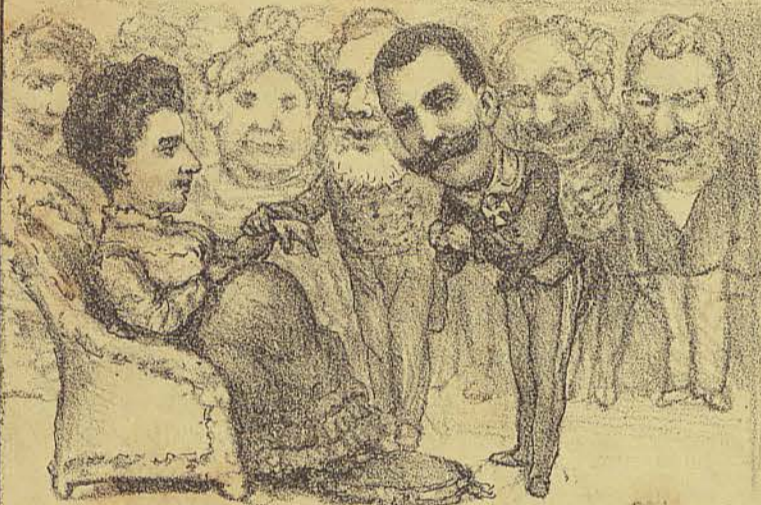
Custodio de Mello descompo-
e Moreira de Barros, chama-
do de adulator e surrador de
escravos.



Eu surrador de escravos e
e adulator de Floriano!
É Moreira de Barros passa a
descompor C. de Mello.



O Sr. Dr. Barata Ribeiro descom-
põe o ministro do interior e
disse o diabo sobre o ensino
publico



A Rainha d'Italia e a Corte a espera que...



Nasceu afinal uma princeza
e o encarregado de avisar o povo
suspendeu a bandeira vermelha



Os bixeiros aproveitam a ausencia
das tropas, para matar todos os
missionarios chins, o que é um grande
conselho para os missionarios...



O general Waldersee despede-se
de M. Vayron, e nomeia-o para o
substituto como com. em Chefe das tro-
pas inter-reinadas na China.
Allemão e francez ja se abraçam... ainda bem.



No Transvaal, guerra de morte
Uns dias descompoem e outros mat-
tam-se



O Sr Fournier percorre de Paris
a Bordeaux, em carro automovel
596 Kilom. em 9 horas e 44 min.
Irra... e muito andar...



A ex-rainha de Madagascar Ranavaloa III.
causa admiracao em Paris. nunca viram
mulata tão calita.



O Senador Bernardino de Cam-
pos continua a passar descom-
posturas em Cust. de Mello, e este
n'aquelle... Um pagode...

conveniente da
Não pôde ir tude
que ser em duas sessões.

Foi para o necroterio, ha pouco
um cadaver de afogado já muito estraga-
do.
O corpo estava todo deformado
negro. E entretanto um inspector secun-
dario, na parte policial declarou que
o cadaver parecia ser de um portuguez.